

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O CERRADO E MATA ATLÂNTICA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Lorena Borges Silva (UEG)
Graduanda do Curso de História da UEG Voluntário PVIC/UEG, Anápolis, Goiás – lorena23418@hotmail.com
Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira
Professor do curso de História da UEG Anápolis - ezi@uol.com.br

Introdução

Um campo novo, mas, que vem se destacando no meio acadêmico é o da História Ambiental, no Brasil essas pesquisas vem ganhando espaço desde 1960 com trabalhos como os de Regina Horta. Com a poluição e o desmatamento e todas essas mudanças climáticas, surgem questionamentos sobre o mundo em que estamos inseridos, o século XX é um momento crucial para perceber como muda a relação entre sociedades e natureza, mas, principalmente, da capacidade das sociedades humanas de transformar drasticamente a natureza. E não menos importantes são os estudos que permeiam o imaginário e as representações desses biomas.

As descrições que os estrangeiros faziam quando chegaram pela primeira vez nesses biomas, nesse caso a Mata Atlântica e o Cerrado, eram na sua maioria de estranhamento ou até mesmo um misto de medo e apreensão com o novo, causando-nos uma sensação de euforia de deslumbramento ao se depararem com a paisagem e a exuberância da Mata Atlântica.

“Os mitos sobre ilhas e povos fabulosos, que mediarão o encontro europeu com esse mundo natural alienígena, influenciavam moderadamente os exploradores portugueses.” (DEAN, 1996 –p. 60)

Pedro Vaz de Caminha descreveu sobre o povo que encontrara no Novo Mundo “ Habitantes em estado de inocência, não possuíam vergonha, vícios e falsos ídolos.” (Idem, p. 62)

Darwin e Von Martius se encantaram com a Mata Atlântica, mas, ao mesmo tempo a temia devido ao mistério desse mundo vegetal que ao mesmo tempo é maravilhoso e aterrorizante.

Os primeiros a adentrarem o Cerrado, foram os bandeirantes, esses descrevem sobre as várias atribulações que passaram quando tiveram que se estabelecerem no centro do país. Ao contrário da Mata que é úmida esses forasteiros encontraram muitas dificuldades devido ao tempo seco e a baixa umidade do Cerrado.

O marechal Cunha Mattos, em sua Corografia Histórica da Província de Goiás, descreve sobre a Cidade de Goiás,

“É mui quente, sujeita a moléstias agudas, ataques apopléticos, e ao broncocele ou papeiras de que está atacada pelo menos dois terços da população.[...] Estou persuadido de que a malignidade atual da atmosfera e as contínuas moléstias, que se sofrem, procedem do fumo das queimadas e do calor delas nos meses em que não chove; das secas rigorosas. (MATTOS, 1979. p. 27 – 28)

Podemos notar que o olhar dos recém-chegados a esses biomas, é de estranhamento e mesmo vivenciando os mesmos problemas passados pela população, já estabelecida nesses locais, os mesmos, não aprofundam sobre suas impressões, ficando a cargo dos estudiosos fazerem esse intento.

Objetivos

O objetivo dessa pesquisa é comparar as representações sobre o Cerrado a Mata Atlântica, na literatura histórica. A partir das narrativas do século XVI analisar a Mata Atlântica, e com os relatos dos viajantes no centro do Brasil pesquisar sobre o Cerrado. E com essas duas versões verificar as semelhanças e diferenças entre os dois biomas, na visão dos colonizadores.

Metodologia

Para fazer essa comparação entre as leituras de ambos os biomas, será utilizado para fundamentação teórica da pesquisa, uma categoria central da História Cultural que é a “representação”.

Conceito geralmente utilizado em pesquisas que buscam captar o imaginário da época, mas, sabendo das distorções que cada tempo produz sobre o objeto de pesquisa.

Resultados e discussão

As leituras realizadas para explanar sobre o olhar do colonizador sobre a Mata Atlântica é na maioria cheio de preconceitos, isso não significa que é diferente a visão que esses forasteiros tinham também sobre o Cerrado. *Hans Staden em Duas viagens ao Brasil* faz um relato traumático devido seu encarceramento feito pelos Tupinambás sua visão é diferente dos que se adaptavam com os nativos, grande parte de sua narrativa dá ênfase aos rituais antropofágicos feitos pelos índios, imagens do livro mostra bem esse lado horrendo dos nativos, como corpos assando em fogueiras, crianças e mulheres comendo mingau de vísceras.

“Sobre o assunto de festas canibais, os cronistas se estendiam com tal gosto que, mais tarde, suspeitou-se de que tais relatos fossem uma Mistificação para legitimar a invasão europeia, atribuindo aos “selvagens” o único pecado que os próprios europeus não praticaram.”(DEAN, 1996, p.50)

Sobre a Mata o carregamento de pau-brasil é bastante citado, árvore desejada pelos europeus devido ao grande valor comercial da madeira e a resina que ela produzia, sobre os bichos encontrados o tatu é recorrente em quase todos relatos, fazendo menção à sua couraça estilo armadura, *Gandavo em História da Província de Santa Cruz*, fala sobre um monstro marinho de uma “visão diabólica”, os índios o chamava de “demônio d’água”, verificando hoje qual seria esse animal podemos até achar um exagero do autor por se tratar de um Leão-marinho, apesar de ser um animal de grande porte não representa ameaça ao humano.

Warren Dean em A Ferro e Fogo faz uma análise sobre a devastação da Mata Atlântica cita as dificuldades em atravessar a mata, ao contrário do Cerrado que é formado por árvores esparsas, sendo mais fácil a caça, a mata por ser muito fechada ajudavam os animais a se esconder.

Considerações finais

Alguns termos são recorrentes nas leituras realizadas quando se referem aos nativos ou povo da terra como: sem civilização, gente digna de pouco crédito, Desonestos, dados a sexualidade, selvagens entre outros.

“Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos, senão de comer, beber, e matar gente e por isso engordam muito.”(GANDAVO,2008, p.121)

André Thevet em *As Singularidades da França Antártica* também demonstra o lado preconceituoso que se utilizava na época para as descrições nos nativos na América.

“... região habitada por estranhíssimos povos selvagens, sem fé, lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, alimentando-se de raízes, andando sempre nus...”(THEVET, 1978,P.98)

Comum entre o pensamento do estrangeiro era o de aculturação do povo nativo, nos relatos os autores desejam que o gentio se comporte conforme seus costumes que vistam roupas e adotem o cristianismo como religião oficial entre outros hábitos.

Saint Hilaire em Viagem à Província de Goiás faz comparações do cerrado goiano com a natureza de Minas e Rio de Janeiro. “A vegetação destas, é muito menos exuberantes que as das florestas primitivas de Minas e do Rio de Janeiro.”(HILAIRE,1975, p.42)

Por conter um grande intervalo de tempo entre a chegada do europeu na Mata Atlântica e a entrada dos Bandeirantes no Cerrado, esperava-se ao menos um discurso mais brando em relação à vida dos sertanejos, a terra era ácida por isso a agricultura era difícil e a escassez de gêneros alimentícios era grande, mas na Mata também era penoso viver, pois, durante o dia o calor era grande, mas, pela noite a chuva e o tempo úmido dificultava sobreviver.

Entre semelhanças podemos perceber o olhar supersticioso dos que chegam nesses novos biomas, as narrativas mirabolantes sobre os nativos é recorrente nas leituras. As diferenças podem ser consideradas pela a peculiaridade de cada visitante o próprio gosto pessoal diz muito a respeito do bioma visitado. A maioria dos viajantes estavam acostumados com clima europeu e fresco da Europa, então, encontrar exageros ao narrar sobre o tempo no Cerrado e na Mata Atlântica pode ser considerado normal para época.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS DE ANÁPOLIS
VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DE PROFESSORES E
VIII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNUCSEH
05 A 07 DE NOVEMBRO DE 2012

Agradecimentos

Agradeço ao fomento do programa de iniciação científica da UEG, pela bolsa PVIC/UEG, e ao professor Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira.

Referências

- DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*/ Warren Dean; tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz*. São Paulo: Hedra, 2008
- HANS, Staden. *Duas Viagens ao Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 2010
- HILAIRE, Saint de. *Viagem á Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- MATTOS, Raymundo da Cunha. *Corografia Histórica da Província de Goiás*. 1979.
- THEVET, André. *As Singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação ás plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.